

Verdadeiro igno-  
rante é o igno-  
rante que jul-  
ga não ser.

ANO V — N.º 133  
SETEMBRO  
15  
1957

# A Voz do Loulé



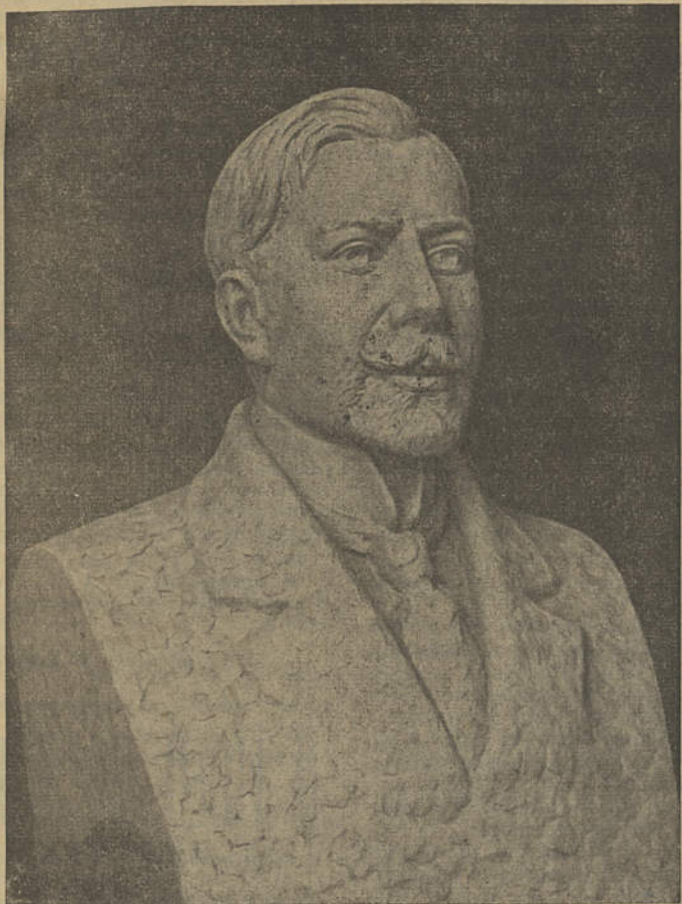
Composto e impresso na  
TIPOGRAFIA UNIÃO  
Rua Tenente Valadim, 30-1.º Esq.  
Telefone 154 F A R O

DIRECTOR  
JAIME GUERREIRO RUA

EDITOR E PROPRIETÁRIO  
JOE M RIA DA PIEDADE BARROS

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO  
GRAFICA LOULETANA  
Rua da Carreira, 42-44  
Telefone 216

## Bernardo de Passos



O poeta algarvio a quem a terra natal — S. Brás de Alportel — presta hoje merecida homenagem, inaugurando um belo monumento na sua melhor praça.

Poeta todo coração, beleza e simplicidade, extravasou da sua alma a verdadeira obra-prima de ternura lírica que são todos os seus versos e se é certo que dominado pelo pantefismo da sua formação filosófica, o lirismo de Bernardo de Passos, por vezes, o

que de mais elevado pode ansear uma alma cristã — o amor, o bem e a beleza.

Perfeitamente inteligível pelo povo, para quem parece ter escrito e retintamente algarvio, como o classifica Júlio Dantas, Bernardo de Passos bem merece que o Algarve esteja presente, com os seus conterrâneos, nas evocações que hoje se fazem em sua memória.

## Um notável melhoramento nacional

Noticiou «O Século» do dia 12, que foram dados por concluídos os estudos a que o Estado mandara proceder sobre o momentoso problema da ligação rodó e ferroviária sobre o Tejo.

Entre as duas hipóteses encaradas — ponte ou túnel — parece ter-se chegado à conclusão de que é de adoptar a primeira para o transporte de veículos e peões e a segunda para os transportes ferroviários, com opção pela construção imediata da ponte entre Alcântara e Almada.

Em magnífico e bem concebido editorial, espalha-se o autor do mesmo em exaltar o valor de tal empreendimento, pelas vantagens e interesses que advém da sua execução, para a expansão da nossa capital e das regiões que lhe ficam fronteiras, para a b l z

arquitectónica com que se engrandece o estuário do Tejo, para a grande projecção de valor material e social que resulta da obra para a classe operária, a quem a ponte facilitará a resolução de um problema habitacional em circunstâncias melhores sob o ponto de vista económico e higiénico.

E te é o problema visto à luz do interesse da grande urbe, da nossa linda e esplendorosa capital, isto é, o problema posto de cima para baixo, como convém e impressiona a quem vive em Lisboa e tem de dar, incontestavelmente, primazia a esta face do momentoso e maravilhoso empreendimento.

Mas onde o mesmo assume as altas e distintas características de melhoramento nacional

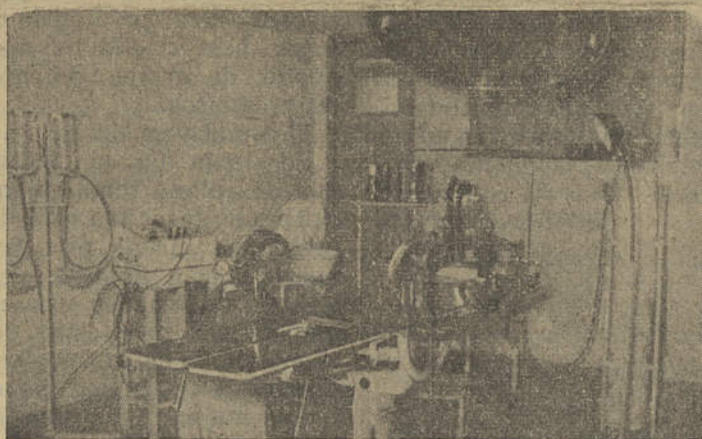
(Continuação na 4.ª página)

## Al posse do novo Presidente da Câmara de Loulé



O sr. José João Ascensão Pablos, no momento em que assinava o acto de posse do cargo de Presidente da Câmara Municipal de Loulé, realizado no Governo Civil de Faro, no pretérito dia 3

# A Assistência Hospitalar em Loulé



Aspecto de uma das salas de operações

DECORRIDO o primeiro ano sobre a entrega do hospital desta vila à direcção clínica do nosso querido e velho amigo Dr. Manuel Soares Cabeçadas, pareceu-nos conveniente elucidarmo-nos sobre a vida da instituição para, assim, informarmos os nossos leitores.

Sempre entendemos que, de harmonia com a tão genuína mente portuguesa tradição das Misericórdias, a estas santas casas deveria ser entregue toda a assistência (médica e social) dos concelhos.

Sem necessidade de comissões de assistência, de associações de mendicidade ou outras, que se dispersam, duplicam serviços e multiplicam e dividem a necessidade do contributo da generosidade das bolsas particulares, às misericórdias devia caber a acção assistencial de cada concelho.

Deste modo elas teriam os seus serviços de assistência à pobreza, por meio de sopas, subsídios e serviços sociais, de assistência na doença por intermédio dos seus hospitais e até de assistência moral, espiritual e religiosa pelo espírito que sempre presidiu à sua criação e está na base e na letra dos compromissos, mesmo os coevos do período de laicismo oficial activo.

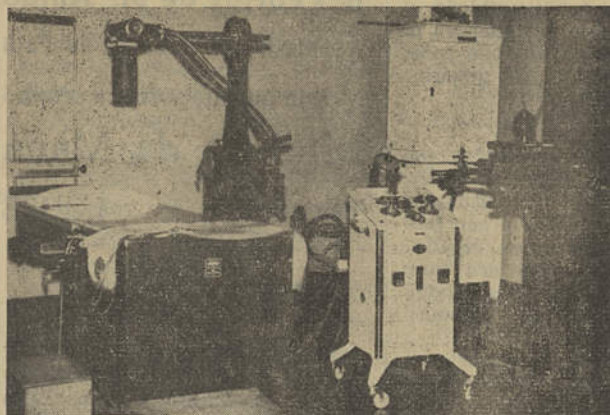
A assistência das Misericórdias abrangia os dela necessitados desde o período pré-natal até à morte, porque a elas pertence o fazer o funeral dos indigentes.

Os tempos, porém, esqueceram o espírito cristão das Misericórdias que só por arreigada tradição nas almas continuaram, sem conteúdo real, a qualificar-se de Santas Casas.

Foi assim que, reduzida a

caridade mais ou menos oficial, a assistir na doença, os hospitais das Misericórdias se hipertrofiaram dentro da instituição e as absorveram, hoje as Misericórdias limitam-se, praticamente, a constituir o substractum da burocracia administrativa de um hospital.

Pena foi que — a quebra da tradição seca a beleza do que é nosso, mesmo nos melhores — ao edificar-se a assistência oficial se não tivesse olhado para as Misericórdias como instituições próprias para, na unidade conveniente, exercer a



Serviços de Radiologia

diversidade de assistências a efectuar nos concelhos.

Vem isto a propósito pelo facto de, sendo o hospital uma dependência da Misericórdia, a ele se reduzir toda a acção daquela. Por isso o louletano, irmão da Misericórdia, considera-se apenas uma e parte de associado do hospital, mas um associado activo, de paixão.

Mesmo longe, o louletano não esquece o hospital da sua terra e daí ter sido Loulé, há longínquos 30 anos, uma das primeiras terras de província a ser dotada de Raios X, devido à generosidade de seus filhos, emigrados nos Estados Unidos da América.

Porque talvez dentro em pouco se proporcionem oportunidades circunstanciais para que os louletanos exerçam a sua generosidade, quiz mos dar aos nossos leitores uma informação tão completa quanto possível sobre a actividade e situação hospitalar.

Todos gostaríamos que o nosso hospital fô-se, em instalações, em apetrechamento, em serviços clínicos e assistenciais se não... o melhor do mundo, pelo menos o motivo de orgulho por que nos ufamamos desde há anos.

Ouçamos o seu dedicadíssimo director clínico.

Não se segue uma entrevista, mas o relato de uma conversa, o resultado de uma troca de impressões com o Dr. Manuel Cabeçadas e justamente porque não quisemos fazer uma entrevista — em regra

## Ouvindo o Dr. Manuel Cabeçadas, Director clínico do Hospital da Santa Casa da Misericórdia

revista e até feita com colaboração activa do entrevistado — é que a redacção das respostas e a interpretação que traduz, são da nossa exclusiva

ver como isto vai correndo. — É uma especie de balanço do ano... E que tal, está satisfeito? E o Dr. Cabeçadas res-

### Um instante à fal-sa fé

O sr. Doutor Manuel Cabeçadas prepara-se para mais uma intervenção cirúrgica



responsabilidade e o Dr. Cabeçadas desculpará se, por deficiência nossa, em algum pormenor, o seu pensamento fôr vazado em forma que a ele se não ajuste com rigor.

A conversa foi travada na

ponde:

— Contente. Contente com o que foi possível fazer, mas não satisfeito. Dever-se-ia fazer muito mais e só há satisfação quando se consegue tudo quanto faz falta fazer.

Quanto a balanço, esse faz-se de cabeça.

Estou a ver a papelada para ver até onde se pode estender o pé.

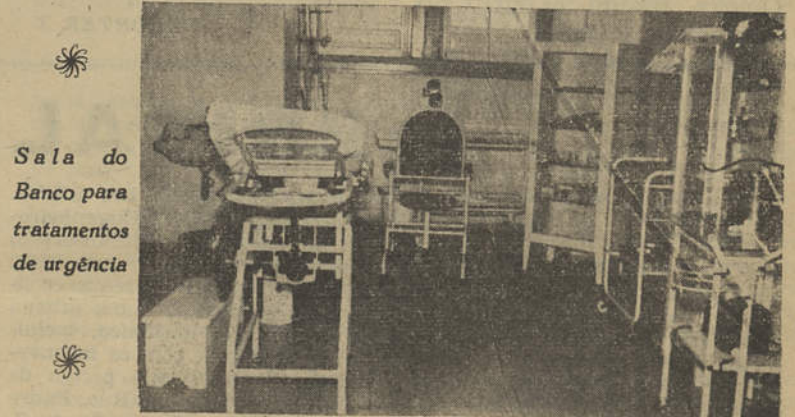
— !?

— Sim, elucida-nos o Dr. Cabeçadas, temos constantemente de estar a par das possibilidades financeiras da casa, quer para nos limitarmos na aquisição do material conveniente quer até para, com o menor prejuízo para o doente, adaptarmos o próprio receituário às disponibilidades da tesouraria.

— Isso quer dizer que Messa e Director clínico colaboram intimamente.

— É indispensável. Tem de haver perfeita conjugação nos esforços e acção de cada um. Ambos vivemos os pro-

secretaria do hospital e interrompeu o estudo dos livros da escrita que o nosso amigo então fazia e por isso pôde ser ilustrada com elementos que ele próprio nos mostrou, números frios em que está condensada



Sala do Banco para tratamentos de urgência

e sintetizada a vida palpitante, intensamente vivida, dentro do edifício. Essa vida é, efectivamente, o sangue que garante no nosso hospital a sua eficiência e o torna, cada vez mais, mais insuficiente.

Não é paradoxo, porque quanto melhor é um serviço, mais procura tem, mais necessidades cria a si próprio e menos completo se julga.

Quanto mais perfeita é uma alma, mais imperfeições reconhece em si e maior é a sua sede de perfeição.

Mas não insinuemos conclusão; não queremos influir no leitor. Ele que conclua.

E a conversa começou. — Apurando resultados, não? — E' verdade, estamos a

blemas da Instituição, pois só assim, com uma visão conjunta e integral da sua vida, ela pode satisfazer com plenitude, dentro dos limites das suas possibilidades, os fins que estão na sua razão de ser.

Recuámos uns anos da nossa vida e comentámos:

— Quando há mais de 15 anos por aqui passámos, também o equilíbrio orçamental era a preocupação das Mesas e nem sempre as ajudas oficiais correspondiam às necessidades ou ao esforço dispendido.

Sorrindo, Dr. Cabeçadas informa:

— Isso há-de ser sempre assim, mas a Direcção Geral

(Continuação na 3.ª página)



# «Loulé... em retrato»

Vamos lá perceber estes leitores...

Se escolhemos para fotografar um assunto de interesse para o leitor, um tema que nos parece aliciente para o bem estar colectivo, todos procuram encontrar-lhe maldade, segunda intenção, insinuação verrinosa e daí afirmarem que é crítica destrutiva.

Escreve-se, como no último número, uma crónica ligeira, de certo sentido chocante e humorística e então tudo acha graça. Assim sucedeu com a vinda da Mariazinha à Praia, tudo se alegrou com as preocupações e reacções da pobre serrenhita que ainda não vira o mar nem a Praia.

«Que engraçado, que interessante, que bem observado que estava...»

Pois já que assim é e gostaram e porque a época banhar ainda vai em meio, com toda esta calma que nos afilge e o entusiasmo pelos encantos da beira mar, vamos continuar a história da Mariazinha da Serra, depois de ter comprado o fato de banho as riscas.

Mariazinha, regressou ao «quartel» encantada com a compra do fato de banho. Logo que se fez noite, vestiu o fato e à luz da candeia de azeite que as senhoras Silvínhas trouxeram lá do sítio, deu-se em observar que tal lhe ficava. Ficou tão encantada que resolveu dormir de fato de banho.

Na manhã seguinte, ainda a madrugada luzia tenuemente lá para os lados de Espanha, já a Mariazinha, inquieta perguntava à sr.ª Jaquina — a mais nova das Silvínhas — já são horas de ir ao Banho?

— Dorme rapariga, que nós te acordaremos em sendo tempo.

Mas a Mariazinha não socegar. Queria fazer figura, uma vez que lhe davam liberdade de mostrar aquilo que andava tapado o ano inteiro.

Pensava que ia deslumbrar toda a gente e daí quem sabe? De uma coisa tinha ela a certeza.

Era que ela seria a mais elegante do banho dos «ingleses», que ao nascer do sol procurava o fresco das salvas ondas...

Mariazinha queria ir logo em fato de banho.

As Silvínhas disseram-lhe que não era bonito, que não ficava bem. Que vestisse um vestido ou pelo menos a combinação por cima, e junto do mar logo se apresentaria em fato de banho.

Juntou-se ao grupo dos «campaniços» e lá foi, mais feliz do que se lhe dissessem que a «mar-

rá» tivera oito bacorinhos de uma assentada.

Pulou, saltou, fez sortes do diabo, mas tudo em cima da areia, não fosse alguma onda maldosa levá-la. Mas gostava daquilo, porque assim, podia mostrar melhor, as graças que Deus lhe dera.

Os moços dos barcos que vinham da faina da pesca, ficaram a olhar aquela desventura e, fartos destes espectáculos, diziam já com eles: a «inglesa» é maluca!

A Mariazinha julgava traduzir os comentários como pontos de exclamação e de admiração da sua «plástica». E espanejava-se toda, salpicando toda a gente, a ponto de uma das Silvínhas lhe ter observado: — Toma juízo mulher, arranja preceito! Nessa tarde, quiz ir à esplanada — a sensação de estar a sentir-se algarvia e civilizada — mas sentiu-se diminuída no seu modesto vestido. E, depois, era preciso pagar e a Mariazinha futurava já a cara dos pais quando subisse da estragância do fato de banho.

Algumas coisas ainda a surpreendiam. Uma delas era ver os meninos e meninas, vestirem os melhores fatos e vestidosinhos para irem sujar-se na areia e molhar-se à beira mar. Pois não seria mais prático levarem umas roupinhas leves e baratas?...

Aqui, pensava ela, há só a vaidade de mostrar coisas, de mostrar que se tem.

As Silvínhas ofereceram-lhe um sorvete de cinco tostões. Ena! que coisa tão fria! Mas é bom!

A noite saiu a passear e muito se admirava que as luzes estivessem apagadas nas ruas para haver uma concentração de claridade junto dos cafés e esplanada e dizia lá com ela, que os banhistas ricos, eram muito felizes.

Foi-se convencendo de que os «ingleses», como ela, apenas têm o direito de tomar banho no mar.

Arranjou um flirt com um marítimo de Quarteira que a queria levar ao cinema.

Mas as Silvínhas não deixaram porque havia necessidade de se «amalharem» ao cair da noite, para se levantarem muito cedo.

E assim foi a temporada de praia da Mariazinha, serrenha que veio até ao banho...

Ao regressar já sabia mais do que tinha aprendido em três anos de escola. Conhecera uma vida que ela nem pensava que existisse e fosse de tanta exibição e vaidade, onde cada um gastava o que tinha e o que não tinha e de que, como ela, saíam, na generalidade, empenhados.

Mariazinha traz projectos no regressar a casa. Pensa ir servir para melhorar a sua situação económica e completar o seu banho de civilização numa cidade.

Mariazinha viu o que era bom — ou o que ela julgava ser bom — e repetia, consigo mesma; Aquilo é que é vida!

Chegou a casa e deslumbrou a mãe com o que lhe contou. Vestiu o fato de banho para os Pais e os vizinhos verem e descreveu tudo o que apreciara com larga soma de pormenores.

Mas quando falou em servir, os Pais responderam logo, torto e mau! Servir! isso não é para ti!

— E vergonha servir, mas deixa que logo vás à monda do arroz e terás ocasião de ganhar dinheiro e ver novas coisas.

Servir! Não! Isso é vergonha!

REPORTER X

## EDITAL

JOÃO ANTÓNIO DA SILVA GRAÇA MARTINS, Engenheiro-Chefe da Quinta Circunscrição Industrial, faz saber que JOSÉ GUERREIRO NETO requereu licença para instalar uma oficina de carpintaria mecânica, incluída na 2.ª classe, com os inconvenientes de barulho e perigo de incêndio, situada na Rua Padre António Vieira, freguesia de S. Clemente, concelho de Loulé, distrito de Faro, confrontando ao norte com José Rocheta Morgado, ao sul e nascente com Adeline Francisco da Silva e ao poente com a referida Rua Padre António Vieira.

Nos termos do Regulamento das Indústrias Insalubres, Incómodas Perigosas ou Tóxicas e dentro do prazo de 30 dias, a contar da publicação deste edital, podem todas as pessoas interessadas apresentar reclamações por escrito, contra a concessão da licença requerida e examinar o respectivo processo nesta Circunscrição Industrial, com sede em Faro, na Rua do Distrito de Faro, n.º 2 - 2.º (Edifício da Mutualidade Popular).

Faro, aos 5 de Setembro de 1957

O Engenheiro-Chefe da Circunscrição

João António da Silva Graça Martins

## CONHECES-ME?

Sou o príncipe da alegria, o companheiro de todos os gozos mundanos, o mensageiro da morte, o rei que governa o mundo.

Estou presente a todas as cerimónias, e nem uma reunião é celebrada sem a minha presença.

Fabrico adultérios, faço nascer no coração os pensamentos criminosos, mancho os lares, sou pai dos filhos sem pai, enveneno a raça, produzo o envilecimento, a depravação, os suicídios, a loucura, o crime em mil e uma formas imagináveis.

Acabo com as famílias os avós e os netos, faço perder a vergonha, a dignidade, a honra.

Ponho um véu sobre os olhos, sobre a consciência e faço aparentar o crime como vingança, a abjeção como passa - tempo, a imoralidade como entretenimento o adultério como conquista galante.

SOU O ALCOOL

## HORTA

Vende-se uma horta com árvores de fruta e muita água, casa de habitação e ramada, na Campina de Cima.

Nesta redacção se informa.

## PRÉDIO

Vende-se um prédio, com rez-do-chão e 1.º andar, na Rua Engenheiro Duarte Pacheco.

Tratar com Joaquim Correia Barrocal — Loulé.

## Vinho de Lagoa

Da Adega Cooperativa Ginginha e Eduardino das Portas de St.º Antão As melhores bebidas do País

Vende por atacado e a retalho M. Brito da Mana

Telefone 18 LOULÉ

## EDITAL

JOÃO ANTÓNIO DA SILVA GRAÇA MARTINS, Engenheiro-Chefe da Quinta Circunscrição Industrial, faz saber que MANUEL ESTEVENS requereu licença para instalar uma trituradora e moagem de alfarroba de rações para gado, incluída na 3.ª classe, com os inconvenientes de barulho e perigo de incêndio, situada na Estrada de S. Brás, n.º 90 — BETUNES, freguesia de S. Clemente, concelho de Loulé, distrito de Faro.

Nos termos do Regulamento das Indústrias Insalubres, Incómodas Perigosas ou Tóxicas e dentro do prazo de 30 dias, a contar da publicação deste edital, podem todas as pessoas interessadas apresentar reclamações por escrito, contra a concessão da licença requerida e examinar o respectivo processo nesta Circunscrição Industrial, com sede em Faro, na Rua do Distrito de Faro, n.º 2 - 2.º (Edifício da Mutualidade Popular).

Faro, aos 5 de Setembro de 1957

O Engenheiro-Chefe da Circunscrição

João António da Silva Graça Martins

## Empregada

De preferência com prática de cabeleireira, precisa-se. Nesta redacção se informa.

## FONTE DA PIPA

Arrenda-se esta propriedade. Enviar propostas até fins de Setembro a Manuel Guerreiro Pereira — Rua Ataíde de Oliveira, 106 — FARO.

Reserva-se o direito de não serem consideradas caso não convenham.

## Os cafés de Loulé

(Continuação da 1.ª página)

ambiente da casa faz muito.

Exigir das autoridades um policiamento da frequência dos cafés é inconsciente e inoperante porque essa fiscalização e digamos selecção de frequentadores deve pertencer única e exclusivamente ao dono do Café que quizer ou pretender captar uma certa freguesia.

O que é preciso ter é uma certa visão, um determinado sentido de afinidade, uma nitida queda para dono de café.

Ora em Loulé, afóra uma cu duas excepções não há donos de cafés, mas arrendatários de cafés que o que lhes interessa é ganhar, seja lá com quem for, limpos ou sujos, bem criado ou malcriado, de gestos decentes ou grosseiros.

E o mal vem daí!

Se algum dia, um indivíduo de «olho» tomar a iniciativa de fazer um café decente, que prime pela frequência, pela limpeza, pelo apuro dos criados, pela comodidade e bem estar dos clientes, tem êxito asseguradíssimo e pode em pouco tempo marcar uma posição muito distinta da actual.

Não é o cliente que faz o meio mas sim este é que tem de se impor ao cliente, exigir dele certas formalidades e atitudes, compostura, acatamento e delicadeza de maneiras e falar.

Pensar obter isto, com os hábitos já inveterados e costumeiros nos actuais cafés, é tarefa tão impossível que resistiria a todas as acções coibitivas.

Só um café que abrisse de novo com meio não contaminado e com propósitos definidos de marcar uma posição e seleccionar uma clientela poderia vingar.

Fala-se na abertura de mais um café na vila.

Que os seus fundadores meditem nisto e observem o que se passou, por exemplo, em Tavira, com o Café Arcada e lhe sigam o exemplo.

Assim, sim, amigo Solimão Fagundes!

R. P.

## O riso é saudável

Rir muito e francamente, evita ou melhora doenças

A boa disposição e a alegria, constituem um meio de conservar a saúde e evitar muitas doenças.

Mas não é o riso forçado, mas sim o riso espontâneo que é saudável.

Vários médicos se tem dedicado a este assunto, chegando à conclusão de que o riso a capacidade de resistência às doenças fica aumentada.

«Os risinhos possuem melhor circulação do sangue, sofrem mais tardiamente de artério-esclerose e padecem muito menos de doenças do coração, do estômago e outras perturbações funcionais de que se queixam aqueles que quando muito, só sabem esboçar um sorriso e a maior parte do tempo estão de mau-humor».

O Dr. Alois Hotzelein, que se tem dedicado a esses estudos, incita os seus contemporâneos a rirem-se mais, conservando o optimismo, dando lugar à contração do diafragma, que constitui uma necessidade para manter boa saúde, porque o riso é, ao mesmo tempo, uma higiene física e moral.

«A medicina moderna estabeleceu que nos sentimentos menos satisfeitos com o nosso destino de que nossos pais, que não conseguimos resolver o número crescente de grandes e pequenos problemas materiais e intelectuais e sofremos em virtude disso. Cerca de 30% das mulheres e mais de 20% dos homens pertencem à categoria dos recalcitrantes e coléricos. Tudo é para eles motivo de crítica e fazem um drama de aborrecimentos, que nem sequer mereciam um encolher de ombros. Quem quer que seja que viva desta forma está predisposto à doença».

Aconselha-se, até que as noivas deviam, antes de realizarem o acto supremo, proceder a um exame aturado e meticoloso do futuro esposo, de forma a averiguar da sua disposição de espírito, do seu bom humor, da sua alegria, porque tudo isso constitui predados muito importantes para viver em boa harmonia.

Além disso aqueles predados evitam más disposições e contribuem não só para evitar, mas também para ajudar a cura de certas doenças.

Rir, mas rir com alegria, espontaneamente, dá saúde! O riso cínico e forçado nada vale, segundo a opinião dos médicos. Porém, para rir, não é suficiente querer-se, é necessário que se dêm factos, fenómenos, ou circunstâncias que o provoquem! E, duma maneira geral, a vida de hoje, plena de dificuldades e apreensões, não é de molde a provocar o riso...

Cada um de nós tem a sua forma especial de sentir e de viver, a sua característica própria que é função do seu carácter, do seu feitio, do seu modo especial de ser. Ninguém consegue modificar

os seus sentimentos, que são produto da sua constituição especial. Uns são tristonhos calados, hiposondriacos; outros risinhos, alegres, despreocupados. De forma que o riso como meio de conservar a saúde não é coisa de que todos possamos usar, porque nem todos temos vontade de rir...

A medicina moderna vai procurando remédio para tudo, se bem que nem sempre o encontre, apesar dos seus louváveis esforços nesse sentido. De forma que para os que não riem por gosto ou vontade própria, inventaram-se as «pílulas da alegria».

O mais curioso é que estas pílulas não contém produtos que possam causar qualquer efeito no organismo. De forma que a cura é feita pela sugestão. Aplica-se o remédio nos doentes com psicose de ansiedade e estados de sobre-excitação, nos neurasténicos ou outros doentes nervosos.

E assim, tal remédio, torna os doentes alegres, provoca-lhes o riso, melhorando as suas doenças com a aplicação do remédio, que é daqueles que se não fazem bem, também não fazem mal...

Fica portanto, assente pela ciência médica, em princípio, que o riso, a alegria e a boa disposição são elementos indispensáveis para conservar a saúde ou melhorar na doença.

E para quem quizer conservar a saúde, deve arranjar boa disposição, alegria, constantemente. E se o não tiver, tome «pílulas da alegria», remédio ou antídoto para a sua má disposição, bem recomendável para debelar esta magra e vil tristeza em que vivemos...

E necessário rir e rir bem e francamente, se quisermos ter saúde!...

José Gonçalves Rodrigues

## O LICEU DE FARO

(Continuação da 1.ª página)

que, com algum sacrifício, os 82 fossem alojados.

Ultrapassados já os limites da capacidade e com a escala ascendente que se tem verificado nos últimos anos, cremos que no ano lectivo de 1958/59 a falta de lotação voltará a repetir-se mas então já sem remédio.

O problema, que é grave, não se resolverá nem com o desdobramento de horários, cujo inconveniente é manifesto nem com uma «sucursal» ou «filial» do Liceu, e por isso se nos afigura que a solução estará na criação, em Faro, de um Liceu Feminino.

A frequência de raparigas justifica plenamente a existência de um estabelecimento próprio para o sexo feminino e deste modo se obviará aos inconvenientes de uma escola superlotada ou funcionando em 2 edifícios e se irá ao encontro do princípio estabelecido e desejado da separação dos sexos.

Julgamos que esta solução já terá sido posta ao Senhor Ministro da Educação Nacional, mas nem por isso deixamos de a preconizar e de chamar para ela a atenção dos responsáveis pelo ensino secundário, no interesse dos estudantes algarvios.

## Transportes de Carga Louletana, L.ª



Largo Tenente Cabecadas — Telef. 30 e 17

LOULÉ

AGÊNCIA EM LISBOA:

Rua de S. Mamede, 24 D (ao Caldas)

Telefone 22437

Agência em Olhão:

Avenida 5 de Outubro, 22-A

Telefone 193

## MOBILIAS

Em todos os estilos, das melhores madeiras e com o mais perfeito acabamento, encontra V. Ex.ª em exposição permanente na

## CASA MATIAS

Telef. 210 — LOULÉ — (próximo ao Hospital)

Estofos, decorações, tapeçarias, oleados, quadros, candeeiros e ferragens para móveis Colchões MOLAFLEX Masas e cadeiras para CAMPISMO e PRAIA

Preços reduzidos em todas as concorrências

Ninguém vende melhor nem mais barato

COLOCAM-SE AS MOBILIAS EM CASA DOS CLIENTES

Execução perfeita de todos os trabalhos de marceniro, polidor e estofador





# A Assistência Hospitalar em Loulé

(Continuação da 1.ª página)

de A-sistência tem sido compreensiva e embora precisemos de muito mais, sempre encontramos boa vontade na concessão dos auxílios que temos solicitado.

— E' o reconhecimento do teu esforço...

— Talvez. A nossa melhor compensação, quando nos deitamos a um empreendimento destes, está exactamente em nos proporcionarem os meios para melhorarmos e desenvolvermos os serviços. Se o nosso esforço não encontrar o eco para isso necessário, o incentivo esvai-se e nada há de mais desanimador, desanimador e prejudicial, que vermos o nosso trabalho limitado à rotina.

— Na distribuição de subsídios a Direcção Geral de Assistência leva em linha de conta, além da capacidade teórica das instituições hospitalares o grau de utilização dessa capacidade, isto é a um hospital de 50 camas permanentemente ocupadas, concede maiores subsídios que a outro com a mesma capacidade, mas em que normalmente só se ocupa metade?

— Com conhecimento de causa não sei o que se passa, mas...

— Dizem que há na província hospitais muito bonitos e muito bem apetrechados, mas que, por falta de pessoal médico cirúrgico á altura desse apetrechamento são uma espécie de museus de ferramental...

— Não sei, mas a verificar-se isso estaremos deante de cadáveres com mortalhas de luxo.

Aproveitamos essa deixa para insistir:

— E' de desejar que a Direcção Geral de Assistência, desde que não pode dar vida a esses «cadáveres» e enquanto eles não ressuscitem, dispense a sua atenção ao que têm pessoal competente e trabalhador — e fácil será sabê-lo pela natureza e volume do movimento — e para esse se abra em merecida generosidade.

— Bastará que se abra com justiça, mas isso depende em muito da verdade e da amplitude com que Sua Ex.ª o Sub-Secretário da Assistência for informado.

— Quanto ao nosso hospital os números que temos estado a compilar são certamente elucidativos. Podemos sabê-los?

O Dr. Cabçadas, facultando nos os elementos coligidos informamos:

Aqui estão números certos e com referência aos meus 12

meses de Direcção efectiva. Revelam um razoável aumento com relação ao ano anterior. Contudo não desejo fazer comparação porque há factos, como a doença do meu antecessor, a melhoria e modernização do arsenal cirúrgico, etc que teriam de ser levados em linha de conta, além de que não desejo más interpretações nem quero ferir susceptibilidades.

O nosso interlocutor compreendia que a nossa conversa não era uma desinteressada curiosidade...

— Compreendo perfeitamente os escrúpulos, mas sob a orientação da tua juventude, alicerçada numa intensa prática nos hospitais de Lisboa, não é possível esconder que isto rejuvenesceu...

Com um sorriso o Dr. Cabçadas atalhou:

— Então não é isto tudo novo: edificio, mobiliário, arsenal cirúrgico, etc.?

E ex-bando apontamentos, acrescenta:

— De 1 de Setembro de 1956 até 31 de Agosto findo, isto é, durante 12 meses, estiveram internados 702 doentes dos quais 140 não eram do concelho.

— Quanto a mortalidade?

— Faleceram 13, o que representa um índice de mortalidade de apenas 1,8 %.

— Também o número de consultas foi grande, pois não?

Continuando a compilar os números o Director clínico do hospital responde:

— E' verdade. Deram-se aqui, durante os já referidos 12 meses, 1717 consultas, das quais me couberam 1503. Destas, 636 foram gratuitas, como gratuitas foram 97 das restantes 290 dadas por outros colegas.

Acrescem ainda 101 observações no serviço de otorinolaringologia a cargo do Dr. Alves Valladares e desses doentes apenas 41 pagaram a sua consulta.

— Disto se infere que anda quase por metade o número de consultas gratis. E' curioso haver quem afirme que no hospital tudo era agora pago, com grave encargo para a classe pobre.

— Desejariamos que a gratuitidade fosse quase geral, mas é evidente que esta instituição tem de se sustentar, e é justo que quem tem possibilidades contribua, pagando os serviços que lhe são prestados, para que os mais pobres possam beneficiar da assistência gratuita.

De resto, os internamentos estão sujeitos a escalões, conformes às possibilidades de cada um, e como a diária completa não permite lucros, a di-

ferença nas outras são cobertas pelo subsídio e por outras receitas que, todas juntas, não permitem conceder gratuidade ao doente «remediado».

— Penso que a referência seria aos tratamentos no banco...

— Ai é que a afirmação seria injusta. Os registos mostram que nestes 12 meses foram efectuados 3.186 tratamentos no banco e só em 242 se cobrou a tabela. Foram absolutamente gratuitos 2.944, isto é, 92,3 %.

— Se não desse muito trabalho, seria possível discriminar o número de internados por doenças cirúrgicas?

Tenho empenho em o saber porque já ouvi dizer que no nosso hospital domina a assistência às doenças desta espécie. E isto porque em certos momentos não havia vaga para doentes de clínica geral.

— Se não havia vaga para esses é porque não havia vaga para os outros, isto é, estava a ser utilizada toda a capacidade hospitalar.

Mas vejamos...

Consultados os registos, verificamos que dos 702 internamentos, 310 o foram por doenças de clínica geral.

Se abatermos aos 392 internados para cirurgia os 140 de fora do concelho, teremos que, dos naturais do concelho ou com domicílio de socorro aqui, 310 sofriram de doenças de clínica geral e 252 se sujeitaram a tratamentos cirúrgicos com internamento necessário.

Declaramos nos esclarecidos e pedimos dados sobre o movimento cirúrgico.

Prontamente o Dr. Cabçadas satisfaz:

— Durante estes 12 meses fizemos 392 intervenções de grande cirurgia em 252 doentes do concelho e 140 em doentes de fora; e, das primeiras, 207 foram gratuitas. No mesmo período de tempo, além de 11 operações de otorinolaringologia, efectuaram-se 542 intervenções de pequena cirurgia das quais só foram pagas 127. Quase quatro quintos foram grátis.

— Podes dar-me alguns dados sobre receitas e aquisição de material durante o último ano?

— São os que constam dos livros...

Verificamos então que a cotização dos irmãos da Santa Casa (cerca de 500) rendeu 14 585\$00 em 1956 e no 1.º semestre de 1957 já atingia 9.266\$50, e que o produto das consultas dadas pelo corpo clínico, durante os 12 meses atrás referidos, foi de 12.175\$.

Quanto a aquisições, o Dr. Cabçadas expõe:

— Adquirimos por 28 500\$

um aparelho de Raios X portátil, indispensável para certas intervenções cirúrgicas; por 9.500\$00 um aspirador eléctrico para a sala de operações; por 16 500\$00 um aparelho de ondas curtas com canivete eléctrico e ainda 4 divãs-camas para os quartos, por 3.000\$00; 4 carros para transporte de refeições, por 1.800\$; 4 camas articuladas, por 8.000\$00; 30.000\$00 de ferros cirúrgicos e, por 4 800\$00, um armário para a sala de operações.

Se acrescentarmos os 18.550\$00 que ao hospital custou a modificação do aparelho de Raios X antigo, vê-se que se dispenderam 120.150\$00.

— E como foram suportados esses encargos?

— 37.500\$00 por auxílio oficial (20.000\$00 do Ministério do Interior e 17.500\$00 do Governo Civil de Faro). O resto proveio de dadas de amigos do hospital, de receitas deste e da paciência das casas fornecedoras a quem, contudo, devemos apenas 50 contos...

— Com este movimento — e já se viu que a lotação esteve esgotada por mais de uma vez — não seria oportuno levar a efeito a 2.ª fase das obras de remodelação?

— Evidentemente que isso se impõe, quer para alargarmos um pouco mais a capacidade do hospital quer para acabar com a miséria da ala antiga. As condições de internamento ali são péssimas e o ambiente é desolador.

Por isso mesmo o caso está a ser tratado.

— E vê-se possibilidade de conseguir alguma coisa?

— Eramos optimistas. No passado dia 7 fui recebido por Sua Ex.ª o Subsecretário do Estado da Assistência que prometeu todo o seu interesse no sentido de se executar, brevemente, a 2.ª fase das obras. Vamos precisar de receita para contrabalançar a participação...

A conversa seguiu sobre outros temas, mas parece-nos que a parte relatada elucidará os nossos leitores sobre o que tem sido a vida do hospital nestes últimos meses.

Não fazemos qualquer comentário, deixamos os à consciência dos nossos leitores.

A frase do Dr. Cabçadas — em consciência fizemos o que podemos pelo hospital, deve ter a sua correspondência no coração dos louletanos.

Ha que, na altura própria, dar á Santa Casa da Misericórdia o que, em consciência achamos que devemos dar-lhe.

Temos a felicidade de existir um corpo clínico capaz de

# Associação de Assistência À MENDICIDADE

No dia 27 de Agosto findo, publicou o «Século» um artigo intitulado: «A Mendicidade, esse inimigo do Turismo» que numa das suas passagens escreve: — «o pedinte profissional é quase sempre um rebelde a todas as disciplinas, tem os seus processos especialíssimos de despertar a comiseração das pessoas». E logo a seguir o ilustre articulista diz: — «E quando a não provoca lamuriando impoem-na pela impertinência, e quando encontra resistência, pela ameaça e até pelo insulto». Grande verdade que observamos a cada passo. Dias depois, recebiamos a «A Voz de Loulé» que num comunicado da digna Direcção da Assistência à Mendicidade, numa das suas passagens, referindo-se aos que ainda aparecem a pedir, diz com máguia: — «Acabou-se o bater de porta em porta, mas há, infelizmente, quem se exiba a dar esmola às portas das igrejas ou à porta do cemitério, para mostrarem que são generosos. A isto não se chama generosidade, chama-se humilhação pública, é um insulto lançado à cara de quem precisa, é sujeitar à vergonha o necessitado de receber essa esmola». Isto é exibicionismo, é vai-

dade... A esmola dada nestas circunstâncias é imoral, é insulto. Acabemos com isto para maior decoro dos louletanos que sentem pulsar o coração e que nunca exitaram estender as suas mãos à miséria alheia têm o agradecimento de Deus, por que sabem ser a caridade o sublime sentimento, por entenderem que ela, a caridade, é a base fundamental do cristianismo, a fonte sublime donde todas devem beber a esperança e a fé do caminho do dever. Ela é ainda o bálsamo espiritual.

Nunca nos cansaremos afirmar que, em Loulé, há o verdadeiro culto da caridade, disto nos orgulhamos, por entender que a esmola às ocultas é sempre agradável e digna de mérito aos olhos do Senhor, e mais o é, quando dada sem vaidade, dada com sinceridade cristã, para que os pobres sintam menos o seu infortúnio e não sofram a humilhação de ter que receber esmola publicamente.

A Beneficência como a Caridade, que dela é consagração cristã, a consagração suprema, não consiste apenas no donativo material. Se a Beneficência e a Caridade tivessem como única manifestação a esmola, não seriam evidentemente virtudes ao alcance de todos, seriam virtudes privilegiadas, atribuídas aos ricos. Portanto, tanto a Beneficência como a Caridade devem ser como compêndios de verdadeiras virtudes, e que todas as pessoas devem exercer.

Se há terras onde a Beneficência se exerce já em larga escala, é incontestavelmente Loulé uma delas e das primeiras. Os seus filhos e todos aqueles que ali se fixaram têm operado verdadeiros milagres, chamemos-lhe assim, porque a obra de socorro já exercida, desde a fundação da Associação de Assistência à Mendicidade até hoje, com tanta abnegação, ultrapassou em tudo que era esperado de «tão poucos para tantos» que recebem conforto deste grande monumento de Caridade erigido pelo sentimento caritativo de tão nobre povo que nunca se esqueceu, nem se esquece dos que sofrem e dos que precisam de amparo, e das indigências que aspiram carinho e protecção.

Este mesmo povo compreendeu que, sem sacrifício não se cumprem deveres para com o semelhante, e sem abnegação não podem surgir obras de Caridade, que possam multiplicar, caminhar, como têm frutificado e caminhar a Associação de Assistência à Mendicidade, a quem está relegada a missão nobilíssima de amparar quem precisa — os pobres.

Se todas as pessoas fossem benéficas em toda a extensão da palavra, como são os louletanos, se fossem generosos com todas as fraquezas e faltas que se observam a quase todos os momentos, se a Caridade fosse exercida como a exerceu o Criador — o estado social seria muito diverso do que realmente é, para isso é

(Continuação na 4.ª página)

## VENDE-SE

Uma morada de casas com 2 compartimentos, na Rua da Larajeira.

Quem pretender dirija-se ao seu proprietário Armando Mendes Coelho (Armandinho) — Loulé.

Folhetim de «A VOZ DE LOULÉ»

Número 27

JEREMIAS GOTTHELF

## A aranha negra

(ROMANCE)

Traduzido do Alemão por E. Rocha Gomes

mais fervor nas suas rezas. Bem emitiu a sua opinião, mas nada mais podia fazer do que lamentar-se, porque a despótica mãe e a mulher o mandavam calar, como se fosse um criado.

Impacientes, porque a construção não corria tão rápida como desejavam, traziam verdadeiramente de rastros operários e criados, obrigando-os a trabalhar dia e noite e até o tradicional auxílio dos vizinhos lhes parecia pouco.

A casa no entanto lá se foi construindo e; quando acabou, da soleira da porta surgiu um fumozinho como o de palha húmida; os operários abanaram a cabeça desconfiados e às escondidas e às claras foram profetizando que a casa nova não duraria mais tempo que a velha.

Mas isto não atemorizou o ânimo das novas moradoras e, para solenizarem a sua entrada ali, durante três dias não houve mãos a medir com um ruído de banquete que deixou tanta nomeada, que ainda hoje se fala dele. Mas o que ainda mais celebrou o banquete foi o tal rorronar dum gato que fez com que todos os convivas se despedissem ainda no meio da festa. Só as donas do prédio nada ouviram. Sim, quem é cego não vê o próprio sol e quem é surdo nãoouve as trovoadas; por isso as duas mulheres excediam-se em luxo e ociosidade e para Deus nem um só pensamento.

Cristeu, ainda tentou ter sob a sua vigilância a casa velha, onde a criadagem andava à solta sem temor de Deus, mas a dominação a que tinha sido acostumado não o permitiu. Tanto a mãe co a sua arrogância como a mulher com os seus ciúmes, desviaram-no categoricamente de tal propósito.

Foi por isso que a vida na casa de baixo se desmoralizou de tal maneira que mais parecia viver ali uma ninhada de gatos bravos do que gente devota. As orações já tinham passado de moda e foram substituídas pela insolência animal da criadagem de lingua perversa e destravada. O pão era atirado sem respeito à cara de cada um e a co-

mida resumava fedorentemente sobre as mesas, chegando-se mesmo ao extremo de sujar maldosamente os restos de comida para que os pobres os não pudessem comer. Eram maus vizinhos e causadores de grandes arrelias por causa do gado que molestavam. O pobre pároco, que lhes fizera uma predica salutar para as suas almas em perigo era chacoteado grosseiramente por eles e tanto os serviços divinos como os poderes superiores eram desrespeitados. Reinava um espirito maldoso entre aquela gente ignara e, tão maldoso e ativo se tornou, que um dos criados para assustar o sexo fraco lembrou-se de atirar papas de leite ao batoque ao mesmo tempo que dizia, fingindo-se condoído: «Toma pobrezinha, deves ter muita fominha! Há tantos séculos sem comer...».

As criadas prometiam-lhe tudo que podiam, mas o labroste repetia a brincadeira entre as gargalhadas alvares dos companheiros que tinham também perdido o medo. Como a brincadeira, à custa de tanto repetida já não causava susto, o atrevido servo começou a esgaravar na pedra e a dizer entre obscenidades que queria ver o que lá estava dentro. Ninguém lhe ia á mão, porque entre toda aquela matula era um dominador, e o susto deixava tudo apavorado.

Era um ser ambíguo que por ali acampava, sem se saber donde viera, ora manso como um cordeiro, ora feroz como um lobo. Tinha doces falas brandas para as moçoilas e era agressivo e feroz para tudo e para todos; impunha-se pelo medo com palavras cheias de rancor, como se odiasse toda a gente. As criadas temiam-no, mas a sós deviam tê-lo amado. Seus olhos zangados de cor indefinida pareciam odiar-se um ao outro e não olhavam para os mesmos caminhos, mas disfarçava sornamente o defeito com compridas pestanas e olhares caídos e humildes. O cabelo era pimponamente encaracolado, mas não se sabia se era ruivo ou louro, pois tanto apresentava a cor da cera na sombra, como ao sol uma pelagem fulva. Entre os criados era considerado como amigo, mas estabelecia a cizania entre todos. Entre as patroas era o único que tinha privilégios e o único que entrava na casa de cima, o que irritava as raparigas de baixo. Vendo-as picadas, tocava com a navalha no batoque e começava com as suas ameaças. Assustadas, as criadas rojavam-se aos pés da cruz, mas cedo se acostumaram a este divertimento. Por último até já diziam: «Toca se quizeres, mas não deves».

Aproximava-se a noite de Natal, a noite Santa. No que ela consagra não pensavam os abusadores e toda a Noite Santa foi passada no mais alegre bródio. E, para complemento desta vida sem regra até vinho fino houve em abundância, que puderam extorquir velhacamente ao velho cavaleiro do castelo cá de baixo, homem vicioso que apenas se preocupava com os seus bens terrenos e tudo queria

(Continua)

Foi assim que o orgulho e a vaidade foram assentando arraiais na região, sobretudo depois da vinda de mulheres elegantes de longe; fatos vistosos e jóias caras começaram a aparecer e a ostentação até nos próprios sinais santos fazia estragos, e os homens, em vez de se concentrarem na oração, olhavam enfatuadamente para as esferas douradas dos seus rosários.

Com orações verdadeiras ninguém se preocupava e até mesmo do serviço divino se troçava, visto que a vacuidade de espirito aparece de preferência, onde há muito espanto e dinheiro, porque se consideram os próprios apetites como sabedoria e esta sabedoria mais alta que a sabedoria de Deus.

Agora não era a classe distinta dos cavaleiros a opressora; quem fazia sentir a brutalidade do seu domínio eram os grilhetas de dantes que tendo evoluído numa burguezia endinheirada, insultava e exigia dos seus criados tanto ou mais ainda do que os antigos senhores, sem nunca se lembrarem de que a criadagem mal tratada como gado teimoso, tinha também uma alma como eles.

As construções não paravam, soberbos prédios se edificavam e o mesmo suor e agonia do tempo de von Slofflen corria agora entre a gente necessitada. Esta casa, naturalmente, não podia também de ser modificada.

Duzentos anos volvidos, era sua dona uma mulher astuta e de cabelo na venta, que se assemelhava com Cristina em muitas coisas. Viera de fora com toda a sua ostentação e luxo, com um filho orfão do pai que fora um verdadeiro fantoche nas suas mãos.

O rapaz tinha qualidades, era bem parecido, tinha bom coração e era amigo dos homens e dos animais. A mãe gostava muito dele, mas a seu modo, sem lho dar muito a perceber. Regulava-lhe todos os passos e mesmo em adulto era um verdadeiro manequim nas suas mãos; Casou-o a gosto dela com uma mulher do seu sangue e de génio aproximado, e assim ficou o pobre agrilhoado a duas fúrias caseiras, que lhe mostravam frequentemente que quem mandava eram elas. Todos pediram que não sáissem da velha casa, mas as empavonadas viragos tomaram tudo á conta de inveja e para mostrarem o seu poder, pensaram em mandar edificar um palácio que sobressaísse entre todo o casario aldeão, mesmo porque diziam que se sentiam apertados e além disso que lhes parecia de noite sentirem que um gato rossonava atrás delas e que a aranha estava a abrir o buraco muito devagarinho; e foi assim que resolveram destinar a velha casa para a criadagem.

O filho porém, o bondoso Cristeu, é que ficou pesaroso, porque bem tinha presente o que sua avó dissera e ele acreditava piamente: que as benções da família estavam ligadas àquela casa e da aranha não tinha ele medo e até quando se sentava aqui deste lado sentia



**350 LIVROS**  
De várias coleções, em  
om estado. Vende só na to-  
talidade: Rogério Pereira  
Marcelino — Avenida Mar-  
a Pacheco, 4 — Loulé.